


A poeta-repórter: resenha de *Um país no horizonte de Cecília*

The reporter poet: a review of Um país no horizonte de Cecília

Autoria: Bruna Carolina Cavalcante Feitosa

 ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6849-8031>

 Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2441555592805184>

DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2525-8133.opiniaes.2022.199006>

URL do artigo: <http://www.revistas.usp.br/opiniaes/article/view/199006>

Recebido em: 15/05/2022. Aprovado em: 01/07/2022.

Opiniões – Revista dos Alunos de Literatura Brasileira

São Paulo, Ano 11, n. 20, jan.-jul., 2022.

E-ISSN: 2525-8133

Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

Website: <http://www.revistas.usp.br/opiniaes>.

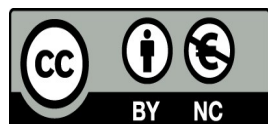
Contato: opiniaes@usp.br

 [fb.com/opiniaes](https://www.facebook.com/opiniaes)  [@revista.opiniaes](https://www.instagram.com/revista.opiniaes)

Como citar (ABNT)

FEITOSA, Bruna Carolina Cavalcante. A poeta-repórter: resenha de *Um país no horizonte de Cecília*. *Opiniões*, São Paulo, n. 20, pp. 316-325, 2022. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2525-8133.opiniaes.2022.199006>. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/opiniaes/article/view/199006>.

Licença Creative Commons (CC) de atribuição (BY) não-comercial (NC)



Os licenciados têm o direito de copiar, distribuir, exibir e executar a obra e fazer trabalhos derivados dela, conquanto que deem créditos devidos ao autor ou licenciador, na maneira especificada por estes e que sejam para fins não-comerciais.

a poeta-repórter: resenha de um país no horizonte de cecília

The Reporter Poet: a Review of Um país no horizonte de Cecília
Review of the Book Um país no horizonte de Cecília

Bruna Carolina Cavalcante Feitosa¹

Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG

DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2525-8133.opiniaes.2022.199006>

¹ Graduanda de Letras, licenciatura em Português, na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). E-mail: bcarolinafeitosa@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-6849-8031>

Resumo

Resenha do livro *Um país no horizonte de Cecília* (2021), organizado e apresentado por Gustavo Henrique Tuna.

Palavras-chave

Reportagens. Ensaios. Cecília Meireles.

Abstract

Review of the book *Um país no horizonte de Cecília* (2021), organized and presented by Gustavo Henrique Tuna.

Keywords

Reports. Essays. Cecília Meireles.



“O papel do repórter não é dar solução às coisas. É contar o que viu. Chegou aqui, parou. Os outros que tirem as conclusões”.

(MEIRELES, 2021, p. 81)

Cecília Meireles não só foi poeta: para surpresa de muitos que não conhecem amplamente as diversas facetas da escritora, esta nos surpreende com uma imensa contribuição, como cronista, nos jornais na década de 1930 a 1960. Em *Um país no horizonte de Cecília*, (Global Editora, 2021, 232 pp.) vemos também Cecília desempenhando, com argúcia, o papel de repórter. O Brasil é o palco das questões principais que tematizam os artigos. São questões sociais e pertinentes

para a época – ousa dizer que ainda são, hoje – e é interessante deparar-se com algumas problemáticas duradouras pelo olhar de uma intelectual que se aproximava com perguntas capciosas, envoltas em um conhecimento muito amplo sobre aquilo que questionava.

O livro é a reunião de 9 ensaios-reportagens, assinados por Cecília, publicados na revista *O Observador Econômico e Financeiro*, entre 1939 e 1940, organizado e apresentado pelo historiador e editor Gustavo Henrique Tuna. O organizador ressalta, em sua apresentação, que a revista em questão era um espaço fulcral para discussões sobre a situação econômica do Brasil, e que Cecília, como poeta e cronista à época já renomada, também havia exposto – em jornais e conferências – importantes ideias acerca da educação, já que também era professora e, não obstante, signatária do Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova (1932).

Assim, no primeiro ensaio do livro, sob o título “Economia do Magistério”, é apresentado um panorama geral sobre o ser docente – do ensino primário ao ensino superior. Cecília aponta as ilusões dos indivíduos sobre as riquezas inesgotáveis do país, fazendo referência a um texto publicado em 1937 nesta mesma revista, do educador Nóbrega da Cunha, sobre *Educação Comparada*. É levantada a comparação para nortear a infinda crise em que o país vive, cuja resolução é quase jogada a cargo do professor. Aí entra o principal problema retratado no ensaio: como pode o professor resolver os problemas do mundo se este

não consegue ter o básico para se resolver? Para se cuidar? Para, por mais triste e esdrúxulo que se possa parecer, se alimentar? E, quando eu digo se alimentar, é no sentido mais vasto e figurativo da palavra. Não se nutrir somente de comida, mas, como bem retratado por Cecília, espera-se que esse professor também seja rico culturalmente, um eterno estudante, figura elementar, possuidor de todas as respostas da vida. O embate principal do ensaio é o eterno duelo entre dever *versus* poder. Nessa economia? Naquela economia? Não é possível, ainda. Vê-se, pois, um professor do ensino secundário, entrevistado por Cecília, lastimar sua revolta:

O lamentável é que o professor é o homem que sabe... que sabe como está vivendo mal... É o homem que não se ilude; que conhece a marcha da sua infelicidade. E o reflexo que isso tem sobre o seu entusiasmo, sobre seu trabalho! Com fome e melancolia, é preciso ser um gênio para ainda transmitir qualquer conhecimento, e para se ter a coragem de achar que vale a pena essa transmissão! (MEIRELES, 2021, p. 40)

Cecília questiona o professor, pede sugestão de como é possível mudar esse cenário, não se intimida e, após a resposta, pergunta: “Alguma outra sugestão mais?”. Penso, é necessário, talvez, se encher de possíveis respostas para não se dar por vencido. A jornalista segue, assim, buscando identificar a fundo quais são os inconformismos dos docentes de variados níveis da educação. Uma coisa é unânime: todos estavam insatisfeitos, mas tinham concepções diversificadas de como seria possível melhorar a conjuntura do magistério. Cecília encerra, após percorrer uma enorme lacuna de descontentamento, com a seguinte questão: “Porque [sic] será que, sabendo-se tudo isto, demora-se tanto a fazer alguma coisa?”. Bom, sabendo-se que isso se aplica, até os dias atuais, a inúmeras outras problemáticas, vale indagar ainda: por quê?

Em dado momento, ainda neste ensaio, esse mesmo professor do ensino secundário relata que, devido às condições precárias de salário e a jornada intensa, não há tempo nem para morrer. Isto nos leva para outro ensaio-reportagem com uma discussão super necessária: se é crucial o contato do docente com o mundo, com as pluralidades de culturas e o conhecimento, é pertinente que o professor e qualquer outro trabalhador com análogas condições deva ter direito ao descanso. No texto “Férias de Janeiro”, Cecília levanta essa questão. Afinal, se o trabalho é mesmo uma consequência natural da vida, então que este seja alternado com o ócio do trabalho, alternativa justa, nos lembra a poeta, porque tudo que é demasiado nos faz mal. A crítica é feita pela poeta no intuito de demonstrar a conjuntura econômica que incentiva esse pensamento, que almeja tanto a elevação financeira a ponto de esta se tornar apenas uma desculpa para a desproporcionalidade do trabalho quando comparado ao tempo de descanso. É preciso, assim, organização para o pleno deleite, sublinha Cecília.

No ensaio “Economia do intelectual”, há uma reflexão sobre o que é ser esse pensador dotado de sabedoria. Acho importante frisar que, dentre todos os ensaios-reportagens, o “ser” é algo carregado de importância para Cecília. Mais do que o que está à frente do sujeito, isto é, o adjetivo que lhe dá qualidade ou nos norteia na temática, o que está no âmago do entrevistado é fundamental. E a poeta participava ativamente desses diálogos; como bem antes havia dito, estava segura do que falava, das questões que levantava, dos contrapontos que poderiam aparecer, deixando, em sua fala, fios indicativos de outras questões para suscitar mais diálogo. Quando um sócio da Sociedade dos Escritores Brasileiros é questionado sobre a questão dos direitos autorais, este diz:

Pelo menos moralizam um pouco a situação do escritor. O escritor começa quase sempre por desconhecer os seus direitos. É um ser platônico, desencantado desta vida...

Mas é simpática — não lhe parece? — essa atitude desinteressada?... (MEIRELES, 2021, p.64)

Havia, assim, uma opinião ali exposta, propositalmente deixada pela repórter. Adiante, é pertinente falar que Cecília tinha grande conhecimento de história. Como leitor de sua poesia e da sua prosa, é sempre possível perceber conhecimentos bem fundamentados da escritora. Levanto essa questão para falar de outro artigo presente no livro, intitulado “O trabalho feminino no Brasil”, em que Cecília nos traz a perspectiva sócio-histórica dos papéis desempenhados pela mulher. Aponta, com perspicácia, o momento em que uma criança nasce e é delimitada por um gênero, este carregado de pré-conceitos, remetendo, talvez, a uma atividade bastante contemporânea — o chá revelação:

por ocasião do nascimento de uma criança, colocavam-lhe na “aselha da rede um arquinho, com suas flechas”, se era macho; e, “se fêmea, uma roca com algodão”. Sempre o mesmo jogo de equilíbrio de destruição e conservação, pelo exercício bélico e pela atividade criadora. (MEIRELES, 2021, p. 85)

Sem o conhecimento de escrita e leitura até o século XIX, às “mulheres e donzelas brasileiras” ficou o encargo dos afazeres domésticos, o que incluía muito trabalho, claramente. Cecília observa que, quando houve o decreto para a criação das escolas de primeiras letras, a educação feminina seria diferenciada, com disciplinas ligadas às atividades da casa. E não é preciso se distanciar muito desse tempo para perceber que, ainda no século XX, havia escolas com matérias distintas para homens e mulheres. Cecília aponta o ingresso da mulher no magistério e sua excelente atuação na área, o que gerou o afastamento do homem, e, lamentavelmente, o baixo salário, que teria feito com que a mulher não pudesse ser responsável pelas finanças da casa. A escritora fala, então, sobre a construção do

labor feminino, do papel importante do movimento feminista no Brasil, liderado pela ativista política Bertha Lutz, na época secretária do Museu Nacional, e importante figura para as conquistas das mulheres que vieram ao longo dos anos seguintes. A conclusão feita pela poeta ao final do ensaio é sugestiva:

Tais qualidades devem merecer a atenção do governo, para o seu devido aproveitamento, em benefício do progresso do país. Tem-se dito que o Brasil é um deserto de homens e de ideias. Talvez não seja um deserto de mulheres. E enquanto houver mulheres capazes de lutar sozinhas, e mulheres capazes de prestar colaboração tão eficiente, há esperança de que as lutas sejam ganhas, e os trabalhos cheguem ao fim, com o maior êxito. (MEIRELES, 2021, p. 109)

Outro ensaio que também nos leva para essa temática é o “Cenas do trabalho feminino”, publicado em 1940, um ano depois da reportagem citada acima. O texto inicia-se de uma forma bem particular dado o gênero, ou nem tanto se soubermos previamente que foi escrito por Cecília Meireles. Esta, que adora subverter o gênero que escrevia, fez bastante isso com as suas crônicas e, nesse ensaio, narra o início do dia de uma menina que, já é pela manhã, é importunada para que possa desempenhar o seu papel: “Anda, menina, varre!”, diz alguém de voz áspera e amarga. E dessa forma o cenário vai sendo criado ao longo do texto, demonstrando as progressões do trabalho feminino de classes distintas: de modo sutil, a cor da casa mudou e agora também costurar dá uns trocados, tudo isso enquanto um senhor vai caminhando e descobrindo que o trabalho feminino, vejam só, transbordou da casa. Assim Cecília vai nos contando as mudanças desse labor e que, mesmo em meio a essas conquistas, mulheres ainda eram condicionadas a essas respectivas profissões. De modo literário e carregado de relevância, Cecília aponta:

As camaradas adaptam-se a esse mundo novo. Uma lhe ensina a fazer as unhas, outra a enrolar cachinhos, todas sabem onde se vendem fazendas mais baratas, em que fábricas se compram as mesmas coisas, pela metade do preço. Faz conhecimentos, muda de casa, ganha mais. (MEIRELES, 2021, p. 211)

Falarei de mais dois artigos presentes no livro para apontar traços sempre presentes na escrita de Cecília como jornalista, principalmente como dado nesses 9 textos. São esses: o fator humano e o panorama sócio-histórico. No texto “Comércio de Arte Antiga”, vê-se o primeiro traço com maior destaque, visto que, ao falar do comércio de antiguidades, Cecília descreve qualidades desses trabalhadores envolvidos com a arte, ao usar descrições que nos dão uma certa ideia mais pessoal dos indivíduos que ali atuam: o amador de arte com gosto pela aventura de comprar barato, carinhoso com as peças que tem, amante daquilo que já fora esquecido,

largado, menosprezado – desmemoriado, talvez. Cecília, então, destaca as casas de antiguidades presentes no Rio de Janeiro, cidade em que nasceu e morava. Fala com familiaridade dos objetos que ali poderíamos encontrar, se fôssemos ao centro ou aos bairros. E aí somos levados para cenas em que vendedores lidam com os clientes em potencial. É tudo muito bem relatado pela jornalista, que não deixa escapar nem a expressão de estranheza quando um cliente questiona o valor de um móvel, e adentramos aquele cenário porque a escritora consegue transmitir, com boas descrições e referências, aquilo que está sob seus olhos.

No ensaio “Economia da Moda”, a jornalista já provoca o interlocutor com humor, ressaltando que, mesmo com esse título, não é preciso fingir que o tema não é interessante, pois jamais o indivíduo-leitor sairia de casa com vestes duvidosas. E repete duas vezes: “Não olhe para esse título com desprezo.” Dá, ao leitor, os possíveis cenários em que este se perderia no argumento por precisar, sem sombra de dúvidas, de um pouco mais de requinte na seleção de uma blusa para presente ou da gravata que escolherá para o trabalho. Cecília lança mão dos números de uma lista telefônica, possibilitando o argumento de que há mais contatos referentes a vestuários e acessórios do que a cafés e livrarias, por exemplo. Ademais, traz, também, com diligência, as diversas relações entre moda e história. Como citei, um dos traços presentes no livro é o panorama histórico, sempre utilizado para discorrer com profundidade sobre questões centrais, como vê-se aqui:

As camaradas adaptam-se a esse mundo novo. Uma lhe ensina a fazer as unhas, outra a enrolar cachinhos, todas sabem onde se vendem fazendas mais baratas, em que fábricas se compram as mesmas coisas, pela metade do preço. Faz conhecimentos, muda de casa, ganha mais. (MEIRELES, 2021, p. 211)

Por fim, no último ensaio do livro, “A carne e o Matadouro”, Cecília traz a questão da carne sagrada de vaca no hinduísmo, contrastando a temência desses povos com a não crença dos que utilizam a carne, seja de boi ou de outros animais, como negócio. Adiante, a repórter vai até o Matadouro de Petrópolis, no Rio de Janeiro. Cecília aponta, durante o caminho, os avisos encontrados na estrada: não maltratar os animais é uma dessas recomendações. O diretor do estabelecimento, então, relata que aquele era um belo lugar para despedir-se da vida, quase como um favor carinhoso para os animais que ali habitavam. Fala-se, durante o ensaio, sobre a organização de um matadouro. É possível, afinal, sentir certa angústia com as descrições. Cecília afirma:

A humanidade vive mergulhada numa densa ignorância a respeito de certos problemas, enquanto noutros, alcança invenções e descobrimentos verdadeiramente sensacionais. Se, por um lado, a ciência chega a conclusões que, postas em prática, revolucionariam o mundo, por outro, o douto vivente muito

pouco sabe ainda, a respeito de si mesmo, a começar por esta insignificante coisa indispensável e diária que é a sua alimentação. (MEIRELES, 2021, p. 219)

É assim, pois, que conhecemos o Brasil e suas diversas questões pelo olhar de Cecília como repórter. Esta afirma que o ser humano é sagrado e trata-o com muito tato em seus textos. A poeta questiona porque, de fato, parece se interessar pelo humano ali em questão, analisando, com habilidade, a realidade brasileira e suas inquietações.

referências bibliográficas

MEIRELES, Cecília, 1901-1964. *Um País no horizonte de Cecília*. Organização e apresentação: Gustavo Henrique Tuna. 1ª. edição. São Paulo: Global Editora, 2021.